

As Sórdidas Algemas

Olho pela janela do carro a minha esquerda e vejo as árvores de troncos grossos e tortuosos, galhos retorcidos, os arbustos secos e cobertos por poeira e pó, aquela visão em tons de castanho e amarelo cegando-me com a luz do sol que recai sobre elas e, no meu fone, ouço minha playlist preferida de música pop e bandas internacionais, mas que quase não conseguia ouvir direito com o som do carro ligado e meus primos gritando e se empurrando nos bancos ao meu lado. Moro com meus tios desde que tinha por volta dos oito anos de idade após a morte dos meus pais, meu pai faleceu por cirrose pouco antes do meu aniversário de cinco anos e mamãe após um acidente de carro em que eu estava junto, mas acabei sobrevivendo e passei a morar e conviver com a tortura diária que são meus primos.

- Para vocês dois! – Digo virando-me para meus primos com os olhos arregalados enquanto retirava meus fones de ouvido – Por Deus!

- Meninos! Será que dá para vocês pararem? – Disse tia Graça olhando para meus primos no banco de trás enquanto meu tio ajustava o retrovisor e olhava-os através dele, ela possuía um cabelo ruivo, nariz fino e grandes sobrancelhas e cílios bastante marcados pela maquiagem.

- Aiin para! Estão me incomodando, aiin! – Disseram meus primos em coro, que eram mais velhos que eu, após minha tia se virar novamente para frente, seguido de risadas e piadinhas sobre mim.

Respondi o ódio que floresceu dentro de mim apenas com um silêncio tendo consciência de que a guerra já estava perdida, coloquei meus fones e voltei a observar as árvores e arbustos característicos do lado de fora do carro até que avistei no horizonte a velha conhecida casa de meus avós, na zona rural, ao avista-la sinto algo me cutucando próximo ao pescoço e, ao me virar, vejo ser uma tesoura na mão de Matheus, meu primo mais novo, e então a música no meu ouvido esquerdo para e percebo que ele havia cortado meu fone de ouvido.

- Ei! Olha o que você fez, seu idiota! – Eu falo alto no carro e minha tia vira-se novamente com um suspiro.

- O que!? Eu não fiz nada! – Diz Matheus com um sorriso falso enquanto escondia sua tesoura no bolso.

- O que foi dessa vez? – Pergunta tia Graça já sem muita paciência.

- Nada tia, nada... – Digo seguido de um suspiro.

Retiro o único fone agora prestável, guardo-o na minha mochila entre meus pés e espero até que cheguemos tentando não sucumbir à vontade de socar meus primos que, agora, continuam rindo de mim. Não demora muito até que tio estacione o carro e podemos finalmente descer, eu abro a porta e sou recebido pelos cachorros que pulam e

sobem sobre minhas pernas, eu os acaricio um pouco, coloco minha mochila nas costas e observo atentamente aquele casarão antigo a minha frente.

- Merda! – Exclama meu tio ao sair do carro e perceber que havia pisado em cocô de cachorro. Sua barba feita, seus cabelos negros e as sobrancelhas grandes e grossas aumentavam ainda mais aquela aparência de braveza e o medo físico e psicológico causado e imposto sobre meus primos.

O grande casarão a minha frente existia desde a época Brasil colonial, construída e utilizada por famílias donas das grandes propriedades rurais, porém fora reformada alguns anos atrás ganhando um acabamento e algumas camadas de tinta azul nas arestas e madeiras que contornavam as janelas e portas de seu exterior, ainda conservando dentro de si todos os aspectos amedrontadores da casa. Com a mochila nas costas, avanço até a porta da sala primeiro, mas sou esbarrado e derrubado pelos meus primos maiores que correm em direção a casa.

- Babacas! – Resmungo baixinho para mim mesmo enquanto me levanto.

- Tiago! Aproveita que não entrou ainda e vem me ajudar com essas malas querido! – Diz tia Graça enquanto tio André abria o porta-malas.

Sabia que ela traria malas de mais carregando mais do que o necessário, penso. Caminho até o carro novamente após suspirar e revirar os olhos sem que notassem, pego as últimas duas malas restantes e vou junto dos meus tios até a casa, sou o último a entrar e sinto, assim que entro, o característico aroma rural de fazenda e grama molhada. Observo o assoalho de madeira e as fendas escuras entre cada tábua, nas paredes brancas e irregulares permanecem os mesmo quadros com fotos antigas e desbotadas em quadros quadrados, a televisão de tubo sobre o raque antigo e, do lado oposto, os sofás cobertos por capas empoeiradas e com alguns mosquitos e insetos mortos sobre ela, provavelmente há muito não usada. Atravesso a sala indo em direção aos quartos e deixo as malas e minha mochila, caminho passando pelo grande salão, a cozinha e desço as escadas até parte externa para cumprimentar meus avós.

- Vó! Vó! – Digo abraçando-os carinhosamente. Minha vó possui os cabelos louros e grisalhos no couro, mostrando a falta de pintura ou cuidados já há algumas semanas, usava avental desgastado com desenhos de chaleiras e grãos de café enquanto cortava e picava pedaços de carne para o almoço sobre a tábua já coberta de sangue. Já meu avô tinha os cabelos negros bastante escuros, uma camisa social xadrez surrada e velha com uma calça jeans e um chapéu de palha escondendo a tez escura dos dias de trabalho sob o sol quente.

Enquanto meu tio limpava seus sapatos, tia Graça permanecia sentada no banco sob a cobertura da área externa e meus primos haviam sumido de vista, decidi voltar aos quartos e tentar ao menos reconectar ou consertar os fios do meu fone. Subi as escadas, atravessei a cozinha, cujo chão era o único da casa feito de cimento e azulejos de cerâmica, e, ao passar pelo banheiro do salão, meus primos surgiram das sombras do

banheiro com facas de mentira em mãos e máscaras aterrorizantes de palhaços e monstros fazendo-me afastar alguns passos, tropeçar numa das irregularidades das tábuas do assoalho e cair para trás batendo a cabeça, enquanto caía e gritava de susto, meus primos fugiam correndo pela sala entre gargalhadas.

Com a cabeça ainda doendo, permaneci sentado no chão por alguns minutos colocando a mão no local da batida para ver se saía sangue e felizmente não havia, mas de repente, enquanto recobrava-me os sentidos, escutei algo de além das tábuas do assoalho, um grunhido medonho ou o que pareciam algumas batidas estranhas, porém balancei a cabeça pensando ser só minha imaginação ou meus ouvidos pregando-me peças após a queda e me levantei dirigindo-me ao quarto enquanto xingava meus primos em pensamentos. Entrei no quarto, ainda feito do mesmo piso que o resto da casa embora não houvessem vãos entre as tábuas, o teto era forrado por uma madeira clara, possuía uma velha e pesada cômoda, duas camas antigas com detalhes de flores entalhadas em suas cabeceiras e, numa das antigas paredes brancas, havia a imagem de cristo crucificado, embora sem a cruz, preso por pregos na parede.

Procurei pela minha mochila e passei a dedicar meu tempo ao conserto do meu fone de ouvido. Com um alicate e uma fita isolante, desencapei os fios, uni aqueles de mesma cor e os separei com a fita, liguei-o ao celular e comecei a testar, estava funcionando por alguns minutos até que uma faísca saiu seguida do silêncio e uma fumaça negra cheirando a borracha queimada. Aula online de elétrica uma ova, pensei.

- Meninos! Almoço está pronto! – Gritou minha vó da cozinha da área externa.

Decepcionado e frustrado com meu projeto de conserto do fone de ouvido, caminhei lentamente até a área externa para almoçar, peguei meu prato, meu talher e arrumei minha comida logo depois dos meus primos que, para manter a tradição, furaram a fila e passaram na minha frente. Não que eu ligasse ou que faça muita diferença, mas com o tempo, o acúmulo de pequenos gestos hostis acabam te sufocando.

- Hum... Que delícia de carne mãe! – Disse tia Graça espantada e maravilhada.

- Que bom que gostou minha filha!

- Realmente, tem um gosto... Ahn, um gosto forte. – Disse meu tio enquanto todos nós almoçávamos sobre a mesa da área externa.

- Ora, deve ser o molho novo. – Respondeu vovó com um sorriso enquanto suas mãos tremiam, talvez devido à velhice – Sabe a dona Maria do seu Geraldo, filha do Zé da igreja? Então, ela veio aqui esses meses atrás, a gente estava na cozinha tendo uma prosa quando ela me contou que aprendeu essa receita com o filho dela. A Maria falou “Menina do céu, cê tem que ver que trem bão. Cê num credita o tanto que aquele molho é gostoso.” aí eu não aguentei e tive que fazer para experimentar.

- Hum... Muito bom! Vai ter que passar a receita para a Graça depois, quem sabe assim ela consegue fazer carne boa igual essa... – Disse tio André rindo até que minha tia o chutou sob a mesa – Aí...

Depois de terminado o almoço, procurava algum lugar sob as árvores para descansar até que meus primos apareceram atrás de mim, me seguindo com várias britas nas mãos e, uma a uma, começaram a jogá-las em minhas costas enquanto riam e pareciam marcar pontos.

- Será que dá para vocês pararem de me encherem? – Eu falei furioso após me virar para eles.

- O que acha Lucas? Paramos de encher ele? – Perguntou com sarcasmo Matheus enquanto olhava para o irmão.

- Nah... Se pararmos de te incomodar então de quem nós iríamos rir? É claro que não vamos parar seu tampinha *senpai*.

- Por favor, não aguento mais vocês infernizando a minha vida. Eu não pedi pra estar aqui, não pedi pra morar com vocês. – Eu disse com a voz trêmula perguntando-me se minhas próximas palavras seriam as melhores escolhas do mundo – Eu faço qualquer coisa para me deixarem em paz.

Então, ambos se entreolharam e, com sorrisos perversos, deram algumas risadinhas e disseram para que os seguissem. Andamos por entre as árvores do quintal da fazenda, por entre os arbustos e a grama alta até que chegamos à porta da sala, onde se encontrava o carro, e entramos na sala com os mesmos quadros, a televisão de tubo e os sofás abandonados.

- Vê esses vãos entre as tábuas do assoalho? – Disse Lucas.

- C-Claro, eu não sou cego. – Resendi levando um tapa na cabeça de Matheus que me entregou um pequeno graveto, quase que completamente reto.

- Sua tarefa, idiota, é entrar em baixo do assoalho na entrada da área externa, ir de lá até o extremo oposto da casa, ou seja, aqui e entregar o graveto pra gente pelo vão do assoalho.

- T-Tá... Vamos logo com isso... – Eu disse enquanto meu coração disparou batendo rápido e pesadamente com o calafrio que havia percorrido todo meu corpo, mas se essa era a tarefa que eu teria de fazer para que meus primos deixassem-me em paz, estava disposto a fazê-la.

Peguei uma lanterna sobre a mesa do salão e com o graveto em mãos, caminhei enquanto Matheus me acompanhava até a parte de trás da casa, onde ficava a área externa, e estava de frente para a entrada retangular da altura da minha cintura. Por um momento minhas pernas ficaram fracas e quase perdi a força, porém retomei o fôlego e,

com o pouco de coragem que tinha, adentrei a passagem até a parte imunda e empoeirada sob a velha casa.

Coloquei o graveto num dos bolsos da calça e liguei a lanterna, caminhava lentamente sobre uma grossa camada de poeira, pó, insetos, teias de aranha e podridão enquanto me mantinha agachado para não bater a cabeça nas tábuas acima de mim. A cada passo que dava, o caminho se escurecia mais e mais com o aumento da distância da única entrada atrás de mim enquanto eu girava a lanterna para os lados iluminando o chão e as paredes a minha volta, com o leve toque dos meus passos calmos e vagarosos, milhares de partículas se elevavam do solo espalhando-se pelo ar e, pouco a pouco, as tábuas iam passando por mim, uma a uma.

Até que já me encontrava sob o grande salão e Matheus passou correndo e pulando com vigor sobre o assoalho até a sala, fazendo com que todo o pó e poeira caíssem das tábuas sobre mim, aproveitando que a situação não poderia ficar pior, corri até a sala permanecendo agachado enquanto o círculo de luz projetado pela lanterna sobre as partículas e as paredes movia-se com rapidez a todas as direções ao passo que eu me movia até o encontro de meus primos. Ao me encontrar sob eles, estendi o graveto e eles logo o pegaram, ao meu redor todas as partículas de sujeira, pele morta e ácaros invadiam minhas narinas e cegavam meus olhos, eu tossia e espirrava incessantemente enquanto abanava o ar ao meu redor com as mãos.

Senti meus pulmões e minha garganta secarem com as partículas que eu respirava e se agitavam no ar, até que recobrei a consciência e me mantive imóvel para que toda a poeira do ar descesse até o solo novamente e, após vários minutos intermináveis tossindo e espirrando enquanto meus olhos ardiam e lacrimejavam, toda a sujeira já havia se dissipado e caído. Abri meus olhos novamente e lentamente minha visão fora se recuperando, até me encontrar sobre as mesmas tábuas do assoalho de madeira da sala e então, me virei para sair logo daquele inferno antes que morresse sufocado.

Ao me virar para a saída, a luz da lanterna se refletiu cegando meus olhos e chamando-me a atenção, ao me aproximar notei ser um porta de aço que dava para um lugar, seja qual fosse, localizado abaixo da cozinha. A porta de aço era toda contornada por rebites de metal de mesma cor e uma trava simples, embora a casa fosse extremamente velha e antiga, aquela porta parecia ter sido instalada e feita há pouco tempo. Com um forte sentimento de curiosidade dentro de mim, levantei a trava da porta e a abri em busca dos mistérios que estariam escondidos sob os pisos da cozinha, ao abrir a porta e avançar alguns passos, a luz da lanterna incidiu sobre diversos objetos metálicos e brilhantes.

A sala, com paredes e teto grossos de concreto, na qual me encontrava agora, era repleta de algemas de metal presas as paredes e, ao virar-me para o outro lado da sala, vi uma figura aterrorizante. Na parede mais afastada da sala estava uma mulher de cabelos negros, cabisbaixa, olhando-me com um de seus olhos que refletia a luz branca da lanterna sob os cabelos enquanto permanecia amordaçada, com os braços ao alto

algemados a parede e com ambas suas pernas cortadas e expelindo sangue agonizantemente. Ao me ver, a figura de cabelos negros arregalou os olhos, que continuava a refletir a forte luz da lanterna lançada sobre si, e se remexia em desespero e agonia.

Entre mim e a mulher haviam varias pilastras de concreto espalhadas pela sala para sustentar a cozinha e uma grande mesa que pude ver da entrada da sala, sobre ela, estavam diversas ferramentas como serrotes, seringas, potes, vidros e diversas facas de diferentes estilos e tamanhos, todos completamente sujos de sangue e restos de carne. Com meu coração disparado, a adrenalina pulsando em minhas veias e o forte sentimento de ânsia de vômito devido ao forte cheiro de putrefação e decomposição, bem como, os diversos frios na espinha, minhas mãos e pernas trêmulas, não pensei duas vezes antes de sair daquele maldito lugar. Ao me virar novamente para sair pela grossa porta de aço, uma enorme figura estava parada na porta da sala com suas botas de borracha brancas, sua calça de moletom azul escuro e seu avental sujo de sangue. Era vovó.